SAVITRI

LIVRO II, CANTO V

AS DIVINDADES DA VIDA MENOR

(...)

No princípio deste mundo enigmático
Que parece a uma só vez uma enorme, rude maquinaria
E um lento desmascarar do Espírito nas coisas,
Nesta câmara giratória sem paredes,
Na qual Deus se assenta impassível, algures,
Como se desconhecido para si próprio e para nós não visto,
Num milagre de segredo inconsciente,
Tudo aqui é, no entanto, sua ação e sua vontade.
Neste turbilhão e expansão através do vazio infinito
O Espírito tornou-se Matéria e jazeu no turbilhonar,
Um corpo adormecido sem sentidos ou alma.
Um fenômeno massivo de formas visíveis
Com o suporte do silêncio do Vazio
Apareceu na Consciência eterna
E pareceu ser um mundo exterior e insensível.
Ninguém havia que pudesse ver, ninguém para sentir;
Somente o Inconsciente miraculoso,
Um mago sutil, habilidoso, estava em ação.
Inventando caminhos para mágicos resultados,
Manuseando o mecanismo maravilhoso da criação,
Marcando os pontos da sabedoria mecanicamente muda,
Utilizando a Ideia inevitável, impensada,
Ele elaborou as obras da inteligência de Deus

Ou forjou a vontade de algum supremo Desconhecido.
No entanto, a consciência estava oculta no ventre da Natureza,
Não sentida era a Beatitude cujo êxtase sonhou os mundos.
O Ser era uma substância inerte conduzida pela Força.
De início havia somente um Espaço etéreo:
Suas vibrações imensas circulavam e circulavam,
Abrigando alguma inciativa não concebida:
Mantida por uma Respiração suprema, original,
O ato místico de expansão e contração
Criou no vazio o toque e a fricção,
Para o vazio abstrato trouxe choque e abraço:
Genitor de um universo em expansão
Em matriz de força em desintegração,
Pelo dispender ele conservou uma soma infinda.
No braseiro do espaço ele acendeu um Fogo não visto
Que, espargindo mundos como se poderia espargir sementes,
Lançou em turbilhão a ordem luminosa das estrelas.
Um oceano de elétrica Energia
De modo amorfo formou suas estranhas partículas-ondas
Construindo por sua dança este sólido esquema,
Seu poderio no átomo encerrado a repousar;
Massas foram forjadas ou emuladas, e formas visíveis;
A luz atirou a centelha veloz, reveladora do fóton
E mostrou, na minimidade de seu lampejo,
Feito imagem, este cosmos de coisas aparentes.
Assim foi feito este mundo real, impossível,
Um milagre óbvio ou mostra convincente.

Ou assim parece à mente audaciosa do homem
Que empossa seu pensamento como o árbitro da verdade,
Sua visão pessoal como o fato impessoal,
Como testemunha de um mundo objetivo
Seu sentido errante e o artifício de seus instrumentos.
Assim ele deve elaborar o enigma tangível da vida
Numa luz duvidosa, por meio do erro capturar a Verdade
E lentamente separar o semblante do véu.
Ou então, abandonado da fé na mente e nos sentidos,
Seu conhecimento um corpo reluzente de ignorância,
Ele vê em todas as coisas estranhamente modeladas aqui
A zombaria indesejada de uma Força enganosa,
Uma parábola enganosa de Maya e seu poder.
Este vasto, perpétuo movimento capturado e mantido
Na misteriosa e imutável mudança
Do movimento persistente que chamamos Tempo
E sempre renovando sua pulsação recorrente,
Estes ciclos móveis que estereotipam um fluxo,
Estes objetos estáticos na dança cósmica
Que não são senão os turbilhões autorrepetidos da Energia
Prolongados pelo espírito do Vazio incubador,
Esperou pela vida e sentido e Mente acordada.
Um pouco o Sonhador mudou sua postura de pedra.
Mas quando o escrupuloso trabalho do Inconsciente estava feito
E o Acaso coagido por fixas leis imutáveis,
Uma cena foi criada para o jogo consciente da Natureza.
Moveu-se então o sono mudo, imóvel do Espírito;

A Força encerrada muda, lentamente irrompeu.
Um sonho de vida despertou no coração da Matéria,
Uma vontade de viver moveu-se na poeira do Inconsciente,
Um capricho de viver alarmou o vago Tempo,
Efêmero numa eternidade vazia,
Infinitesimal num morto Infinito.
Um sopro mais sutil vivificou as formas da Matéria morta;
O ritmo estável do mundo mudou-se num grito consciente;
Um Poder serpentino fez-se gêmeo da Força insensível.
Ilhas de vida pontilharam o espaço sem vida
E germes de vida formaram-se no amorfo ar.
Uma vida nasceu que seguiu a lei da Matéria,
Ignorante dos motivos de seus passos;
Inconstante sempre, no entanto para sempre a mesma,
Ela repetiu o paradoxo que lhe deu nascimento:
Suas inquietas e instáveis estabilidades
Repetiram-se incessantemente no fluxo do Tempo
E movimentos propositados em formas irrefletidas
Revelam o ofegar de uma Vontade aprisionada.
Despertar e sono jazem encerrados num mútuo abraço;
Inertes e indistintos advieram o prazer e a dor,
Tremulando com as primeiras, débeis emoções de uma Alma-Mundo.
Uma força de vida que não poderia chorar ou mover-se,
Contudo irrompeu em beleza assinalando algum fundo deleite:
Uma sensibilidade inarticulada,
Pulsações do coração de um mundo ignorante,

Correram por seu sonolento torpor e aí despertaram

Um vago, incerto estremecimento, uma batida vagueante,

Um obscuro descerrar como de olhos secretos.

Um infante autossentimento aflorou e o nascimento nasceu.

Uma divindade acordou, mas jazeu com membros em devaneio;

Sua morada recusou-se a abrir suas portas seladas.

Insensível para nossos olhos que veem somente

A forma, o ato e não o Deus aprisionado,

A vida escondeu em seu pulso, oculta de crescimento e poder

Uma consciência com mudas, sufocadas batidas de sentido,

Uma mente suprimida que não sabia ainda do pensamento,

Um espírito inerte que somente podia ser.

A princípio ela não ergueu nenhuma voz, nenhum movimento ousou;

Carregada com o poder-mundo, infundida com força viva,

Ela se agarrou com suas raízes à terra segura,

Mudamente estremeceu ao choque de raio e brisa,

E estendeu dedos-gavinha de desejo;

A força nela ansiou por sol e luz,

Não sentiu o abraço que a fez respirar e viver;

Absorta ela sonhou, contente com beleza e matiz.

Por fim, a Imensidade encantada olhou adiante:

Agitada, vibrante, esfomeada, ela tateou pela mente;

Então lentamente os sentidos tremularam e o pensamento espreitou;

Ela forçou o molde relutante a tornar-se consciente.

A magia de uma forma consciente foi cinzelada;

Suas vibrações em transe ritmaram uma célere resposta,

E frêmitos luminosos incitaram cérebro e nervo,

Na Matéria despertou a identidade do espírito

E no corpo acendeu o milagre

Do amor do coração e do olhar-testemunha da alma.

Impelidos por uma Vontade não vista ali poderiam irromper

Fragmentos de algum vasto impulso por tornar-se

E vívidos vislumbres de um self secreto,

E as sementes duvidosas e a força de formas por tornar-se

Despertaram do desmaio inconsciente das coisas.

Uma criação animal rastejou e correu

E voou e chamou por entre a terra e o céu,

Caçada pela morte, mas esperando ainda por viver

E alegre por respirar mesmo que só por um pouco.

Então do bruto original foi forjado o homem.

Uma mente pensante tinha vindo para erguer os humores da vida,

Uma ferramenta afiada de uma Natureza misturada e vaga,

Uma inteligência semitestemunha, semimáquina.

Este condutor aparente de sua roda de obras

Com a missão de motivar e gravar sua deriva,

E fixar sua lei sobre os poderes inconstantes dela,

Esta alavanca-mor de uma engenharia delicada,

Aspirou por esclarecer seu usuário e por refinar,

Erguendo até uma visão do Poder residente,

A rude inciativa da mecânica incorporada.

Ele ergueu seus olhos; a luz do Céu espelhou uma Face.

Maravilhada com as obras forjadas em seu místico sono,
Ela contemplou o mundo que havia criado:
Cismando, agora aprendeu o grande autômato;
Ela pausou para compreender seu self e seu propósito,
Ponderando ela aprendeu a agir pela regra consciente,
Uma medida visionada guiou seus passos rítmicos;
O pensamento orlou seus instintos com moldura de vontade
E com a ideia iluminou seu ímpeto cegado.
Sobre sua massa de impulsos, seus atos reflexos,
Sobre a deriva impelida ou guiada do Inconsciente
E o mistério de passos irrefletidos, acurados
Ela aprisionou a imagem ilusória de um Self,
Um ídolo vivo de espírito desfigurado;
Sobre os atos da Matéria ela impôs uma lei padronizada;
A partir de células químicas ela criou um corpo vivo
E de uma força conduzida moldou um ser.
Ser aquilo que ela não era inflamou sua esperança:
Para algum elevado Desconhecido ela voltou seu sonho;
Um fôlego foi sentido abaixo do Uno supremo.
Uma abertura ergueu os olhos para esferas acima
E sombras coloridas pintaram sobre o solo mortal
As figuras passageiras de coisas imortais.;
Um veloz lampejo celeste poderia vir às vezes:
O iluminado raio-alma caiu sobre a terra e a carne
E tocou com semelhanças de luz ideal
O estofo com o qual nossos sonhos terrenos são feitos.
Um frágil amor humano que não poderia perdurar,

As asas de mariposa do ego para erguerem a alma seráfica,
Apareceram, um brilho de superfície de vida efêmera,
Extinta por um escasso fôlego do Tempo:
A alegria que esquece a mortalidade por um tempo
Adveio, um visitante raro que cedo parte,
E faz com que todas as coisas pareçam belas por uma hora,
Esperança que cedo se desvanecem em pardacentas realidades
E paixões que desmoronam em cinzas enquanto ardem
Incandesceram a terra comum com sua chama breve.
Uma criatura insignificante e pequena
Visitada, soerguida por um Poder desconhecido,
O homem labutou em sua diminuta porção de terra
Em busca de meios para perdurar, desfrutar, sofrer e morrer.
Um espírito que não pereceu com o corpo e o fôlego,
Ali estava, como uma sombra do Imanifesto
E se postou atrás da pequena forma pessoal
Mas não clamou ainda por esta incorporação terrena.
Assentindo com a longa, lenta labuta da Natureza,
Contemplando as obras de sua própria ignorância,
Desconhecida, não sentida, a Testemunha poderosa vive
E nada mostra a Glória que está aqui.
Uma Sabedoria governando o mundo místico,
Um Silêncio ouvindo o clamor da Vida,
Ele vê a multidão apressada dos momentos correr
Em direção à quieta grandeza de uma hora distante.

Um fantoche pensante é a mente da vida:

Sua escolha é a obra de forças elementais

Que não conhecem seu próprio nascimento e seu fim e sua causa...

Para as ações que os mortais pensam ser suas próprias

Elas trazem as incoerências do Destino,

Ou fazem do capricho descuidado do Tempo uma sina

E de mão em mão arremessam as vidas dos homens

Num jogo inconsequente e desonesto.

Num terreno estreito ele montou sua barraca de vida

Sob o olhar imenso da Vastidão estrelada.

Nossas vidas são experimentos efêmeros

Feitos por um silencioso, inescrutável Poder

Testando suas questões a partir da Noite inconsciente

Para seu self luminoso, de Verdade e Beatitude, encontrar...

Em meio às figuras da Ignorância,

Nas figuras simbólicas desenhadas por palavra e pensamento,

Ele busca a verdade para a qual todos os números apontam;

Com a lanterna da visão ele busca pela fonte da Luz...

Ele labuta por encontrar o feitor de todas as obras,

O Self não sentido dentro, que é o guia,

O Self desconhecido acima, que é a meta.

Através do campo cósmico, por meio de estreitas vias,

Suplicando por uma escassa esmola das mãos da Fortuna,

E trajado em vestes de mendigo caminha aqui o Um.

Uma porta foi escavada na parede de barro do self;
Pela baixa soleira, cabisbaixos
Anjos de êxtase e autodoação passam,
E, alojados num recôndito santuário de sonho
Vivem os criadores da imagem da divindade.

Este diminuto ser do Tempo, esta alma-sombra,
Esta viva, anã figura de proa de um espírito escurecido
De seu tráfego de fúteis sonhos irá erguer-se...
Como um ogro de barro modelado num deus
Recém-criado na imagem do Hóspede eterno,
Ele será capturado no seio de uma alva Força...